

# Sondas sem bússola para mão de obra

**Escassez de técnicos no país atinge a Sete Brasil, parceira da Jurong, em Aracruz**

RIO DE JANEIRO

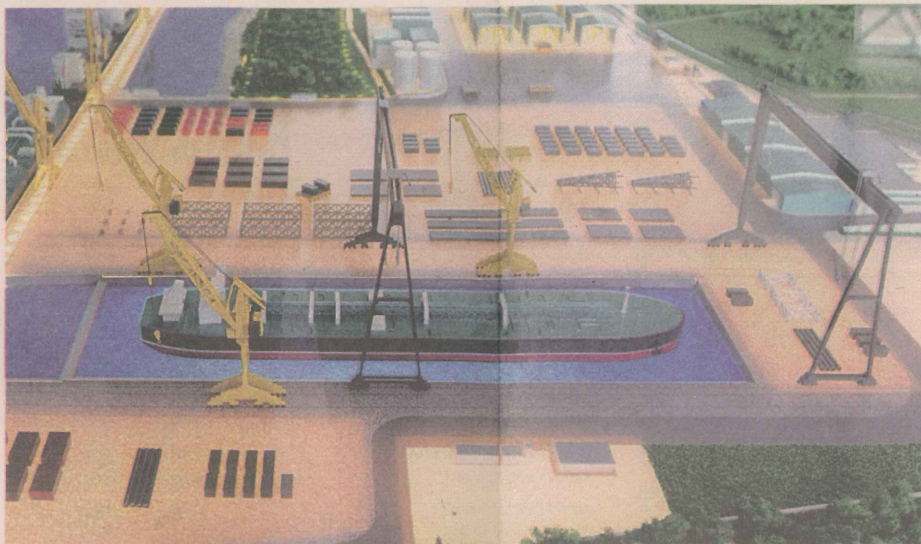
« O atraso na fabricação da sondas para o pré-sal não é o único problema da Sete Brasil, empresa criada há um ano com o objetivo de viabilizar a construção no país de equipamentos modernos para a exploração petrolífera. Não há no mercado brasileiro profissionais capacitados para operar as sofisticadas sondas, que começarão a ser entregues pelos estaleiros em 2015.

A carência de mão de obra qualificada para manipular os complexos mecanismos e aparelhagens das sondas tem sido citada pelo presidente da Sete

Brasil, João Carlos Ferraz, como entrave muito importante à entrada em operação dos equipamentos.

Preocupada com a demora nos processos envolvendo a fabricação e o afretamento de sondas, a Petrobras, aliada a fundos de pensão e bancos, decidiu criar a Sete Brasil, logo contratada para providenciar a construção de 28 sondas de perfuração em águas profundas e ultra-profundas.

Os estaleiros deverão entregá-las entre 2015 e 2020, de acordo com prazos contratuais. Em cada uma delas trabalharão, por turno, cerca de 50 técnicos. Cada turno tem 12 horas. Ou seja: por dia, trabalharão 100 profissionais nestas sondas.



Na Barra do Riacho, há falta de profissionais em projeto para estaleiro

## BARRA DO RIACHO

No Espírito Santo, a Sete Brasil assinou contrato com o Estaleiro Jurong, que está em fase de implantação em Barra do

Riacho, Aracruz, para a construção de sondas. A falta de mão de obra começa antes da operação destes equipamentos.

Para conseguir profis-

sionais suficientes para a construção, a empresa Jurong, com sede em Cingapura, já estruturou um plano de formação de técnicos tanto no Estado quan-

DIVULGAÇÃO

do em sua sede, na Ásia. Serão treinados 15 alunos do Instituto Federal (Ifes) por ano, em Singapura.

Como as sondas operam em alto-mar, as equipes permanecem a bordo pelo período de 15 dias. Assim, em cada sonda, terão de trabalhar 200 profissionais, divididos em quatro grupos de 50. Como são 28 sondas, haverá a necessidade de, pelo menos, 5,6 mil técnicos, sem considerar os reservas, para as substituições.

O Brasil não tem essa quantidade de profissionais. “Precisamos de trabalhadores superespecializados. Esse é um gargalo enorme”, alertou o presidente da Sete Brasil em seminário realizado na Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan).